

Lila Maia



PRÊMIO
UFES DE
LITERATURA

VOLUME 2

LIVRO DE
LITERATURA JUVENIL

CORÇÃO RANGE SOB AS ESTRELAS



EDUFES

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | José Edgard Rebouças
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça,
Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, Glícia Vieira dos
Santos, Grace Kelly Filgueiras Freitas, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Luis
Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial | Douglas Salomão, Tânia Canabarro

Revisão de Texto | Tânia Canabarro
Projeto Gráfico e Diagramação | Thays Silva
Capa | Willi Piske Jr.
Revisão Final | Georgette Vianna

III PRÊMIO UFES DE LITERATURA 2015-2016

Comissão Organizadora | Bernadette Lyra, José Edgar Rebouças, Roberta Estefânia Soares,
Rogério Borges de Oliveira, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora da categoria Livro de Literatura Juvenil | Gabriela Rodella de Oliveira
e Fabiano de Oliveira Moraes

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S237c Santos, Conceição de Maria Sousa, 1955-.
O coração range sob as estrelas [recurso eletrônico] / Lila Maia. -
Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.
48 p. - (III Prêmio Ufes de Literatura ; 2)

ISBN: 978-85-7772-355-3

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>>

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título. II. Série.

Lila Maia

III
PRÊMIO
UFES DE
LITERATURA

VOLUME 2

LIVRO DE
LITERATURA JUVENIL

CORAÇÃO
RANGE SOB AS
ESTRELAS



EDUFES

VITÓRIA, 2016

APRESENTAÇÃO

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje Secretaria de Cultura da Ufes (Secult/Ufes). As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Editora com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora, interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades Autor e Antolo-

gia. As categorias autorais foram: Livro de Poemas, Livro de Contos e/ou Crônicas, Livro de Romance e Livro de Literatura Infantojuvenil. Para a modalidade Antologia, as categorias contempladas eram Coletânea de Poemas e Coletânea de Contos e/ou Crônicas.

Dando continuidade aos objetivos estabelecidos, a terceira edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2015-2016, ampliou para sete as categorias contempladas e atraiu 515 candidatos, de todas as regiões do Brasil e do exterior, que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por onze especialistas divididos em cinco comissões. Entre os 26 vencedores do prêmio estão escritores de Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Nesta edição, sete livros são publicados. Na modalidade autoral, temos as seguintes categorias: Livro de Poemas, Livro de Contos e Crônicas, Romance, Livro de Literatura Infantil e Livro de Literatura Juvenil. E na modalidade antologia, temos a Coletânea de Poemas (a qual contempla dez autores premiados) e a Coletânea de Contos e Crônicas (que contempla onze autores). Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

COMISSÕES

Comissão Organizadora

Bernadette Lyra (Anhembi Morumbi), José Edgar Rebouças (Supecc), Roberta Estefânia Soares (Edufes), Rogério Borges de Oliveira (Secult), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Infantil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Juvenil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Gabriela Rodella de Oliveira (USP), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias

Livro de Poemas e Coletânea de Poemas

Carlos Eduardo Guimarães (escritor e jornalista), Orlando Lopes Albertino (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias Livro de Contos e Crônicas e Coletânea de Contos e Crônicas

Ana Penha Gabrecht (Ufes), Renata Oliveira Bomfim (Afels),
Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance

Andréia Penha Delmaschio (Ifes), Camila David Dalvi (Ifes),
Nelson Martinelli Filho (Ifes).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A u t o r

Livro de Literatura Infantil

Menina com brinco de folha,

de Marcella Lopes Guimarães (PR);

Livro de Literatura Juvenil

O coração range sob as estrelas,

de Lila Maia (RJ);

Livro de Poemas

Cortejo & outras begônias,

de Airton Souza de Oliveira (PA);

Livro de Contos e/ou Crônicas

Pessoas partidas,

de Diego Lops (RS);

Livro de Romance

O segundo caçador,

de Bruno da Silva Crispim (RJ).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A n t o l o g i a

*Coletânea de Poemas**

“Suicidário”, de Maria Terezinha da Silva (SC);
“Poesia visível”, de Talitha Borges da Silva (SP);
“Nunca mais”, Tatiana Alves Soares Caldas (RJ);
“Interno retorno”, de Francisco Augusto Kurkievicz de Araujo (ES);
“Entre ensaios”, de Yasmin Miyeko Nascimento Nariyoshi (ES);
“Seiva endêmica”, de Guilherme José da Costa (SP);
“10 poemas para o vento”, de Rodrigo de Menezes Gomes (RN);
“O sumo dos instantes”, Márcio André Oliveira Santos (MG);
“Atrator(es)”, de Lino Machado (ES);
“Nós mesmos, costumeiramente”, de Erly Milton Vieira Junior (ES).

**Obs.: O escritor Márcio Dison da Silva (SC) informou, posteriormente, que seus poemas seriam publicados por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento.*

Coletânea de Contos e/ou Crônicas:

“7”, de Douglas Rosa da Silva (RS);

“Interiores”, de Camila Lobato Rajão (SP);

“A tempestuosa existência do tempo”, de Ingrid Nogueira Freitas (CE);

“Pés gregos”, de Letícia Fernandes Malloy Diniz (MG);

“Contradições”, de Emerson Figueiredo e Souza (MG);

“Encontro não declarado de histórias vindas de qualquer lugar”, de Gabriel do Nascimento Barbosa (P. Aleph Gímel) (ES);

“Assovios”, de Paulo Sérgio dos Santos Sena (ES);

“O segredo e outras histórias”, de Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

“Paraguai”, de Joaci Pereira Furtado (SP);

“Andarilho”, de Marcos Vinícius Lima de Almeida (SP);

“Ribeiras”, de José Genival Bezerra Ferreira (AL).

Aproveitamos este espaço para, mais uma vez, agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, que se debruçaram em tão nobre tarefa, parabenizar os inscritos pelo esforço e confiança, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do *III Prêmio Ufes de Literatura*

SUMÁRIO

FALTA É FALTA

14	Recado Adolescente
15	Lembranças da Casa
16	Outro Olhar
17	Saudade é um todo Sentimento
18	Mãe
19	Uma Certa Avó
20	Conjugação
21	Fotografia
22	Pai
23	Parlitos
24	Quarto
25	As Folhas Soltas da Falta
26	Saudade Infância
27	Saudade Esperança
28	Saudade Estrela

PÉTALA OU VASO?

- 30 Saudade Trapézio
- 31 Tudo não passa de um Numeral
- 32 Saudade Substantivo Concreto
- 33 Entre o Sim e o Não
- 34 Beijo
- 35 Perder não Devia ser Verbo
para se Conjuguar
- 36 Diário
- 37 Constatação
- 38 Crescendo
- 39 Deu Branco
- 40 Certeza
- 41 Saudade tem Sempre Algo a Dizer
- 42 Fim de Namoro
- 43 Era Mesmo uma Rua?
- 45 Sem Metades ou Quase Música?
- 46 Feito Chuva
- 47 Amadurecimento

F A L T A

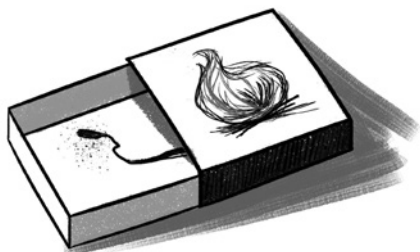
É

F A L T A

R E C A D O A D O L E S C E N T E

O cisne diante do espelho.
Uma espinha nascendo onde não devia
A caixa de fósforos grande vazia.
O barco metido a navio
enfrentando grandes tempestades.
O poema reescrito o tempo todo.
O coelho fugindo da cartola.

A mágica? É não entender tudo.



L E M B R A N Ç A S D A C A S A

A casa da infância com seu piso bordado
em formas geométricas desapareceu.
Queria que tivesse crescido comigo.
Nem o muro baixo pintado de verde,
namorando o cajueiro carregado de cajú vermelhos,
permaneceu de pé.
Tudo abaixo numa grande explosão.

A casa da infância de três quartos
virou edifício de vinte e dois andares.

O U T R O O L H A R

O menino usava óculos,
mas chutava pedra como se fosse bola.
Sua raiva crescia feito árvore velha.
Nunca conseguia jogá-la escada abaixo.
Um dia ouviu o apito longe do navio.
O desejo de conhecer o mar foi mais forte.
Não sabia nadar.
Então pegou o lápis,
e fez o mar que sentia bem dentro dos olhos.
À medida que ia conhecendo as águas,
guardava a raiva nos bolsos.

S A U D A D E É T O D O
U M S E N T I M E N T O

Tinha dez anos quando Fernando saiu de casa.

– Meu irmão preferido.

Era apaixonado por passarinhos
e biscoitos recheados de chocolate.

Não sei quantos canários
passaram pelo quintal da nossa casa.

Quando foi embora, cresci sem perceber.

Passei a detestar biscoitos recheados de chocolate.

Passarinho? Fechava os olhos para não vê-los.

Meu olhar se enchia de penas.

Saudade, também é passarinho preso na gaiola.



M ã E

Um fio de luz no abajur lilás.
O prato de sopa intacto.
Os óculos, o lápis, a pêra.

Uma falta tem tudo isso
que nossos olhos sabem escrever.

U M A C E R T A A V Ó

Capaz de dividir o pequeno brigadeiro por cinco.

Seus olhos de tão azuis permitiam
que as histórias tivessem um final feliz.
Imitava o bem-te-vi com tamanha perfeição,
até hoje desconfio que virou passarinho.

Aquela avó tinha gosto de tudo que é bom.



C O N J U G A Ç Ã O

Teu nome foi um verbo.

Sabia que conjugava amor.

Por isso, tentei ser um pretérito mais-que-perfeito.

Tu foste infinitivo demais para o meu gosto.

Nos perdemos de um modo tão subjuntivo.

F O T O G R A F A

Feito flash de máquina fotográfica registrando tudo,
te trago no íntimo.

Aqui no peito, teu ar de foto colorida.

No corpo,

o moreno dos teus braços me permitindo voos.

P A I

Dois olhos bem pequenos, puxados.
Não tem os ombros largos,
nem calça 44 feito o pai do João.
Quando me pega nos braços,
há um Japão inteiro de carinho no seu corpo.

P A R L I T O S

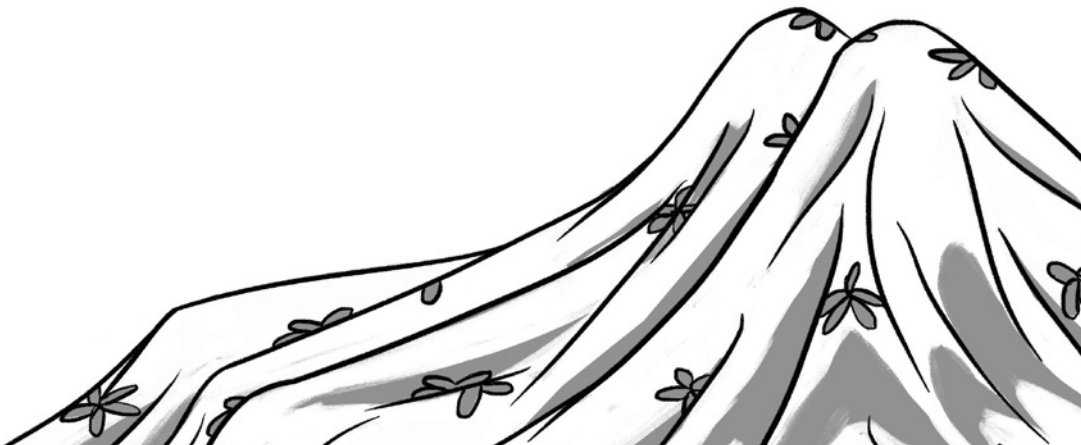
Tinha cinco anos quando aquele bicho
pintado de verde, falante,
chegou colado nos ombros do pai.
Ternura, curiosidade, espanto nasceram ali.
Aos poucos foi se inaugurando a certeza:
seríamos amigos.
Tivemos tempo para as grandes descobertas.

Até hoje, quando não sei dizer o que sinto,
tenho saudade daquele bicho pintado de verde
que falava por mim.

Q U A R T O

Uma rosa, um asterisco à toa.
O lençol com flores ensopadas de laranja.
O sol indo embora como quem procura
lugar no mundo.
O diário de capa azul, onde tudo que é escrito
tem cara de primeira paisagem.

Tem dias que o quarto é tudo que mereço.



A S F O L H A S
S O L T A S D A F A L T A

Não acho que a falta mereça palavras, poemas.
Falta não é como a saudade:
tem coração e faz o sol nascer.
Falta é sempre muito branca.
Tem dias que fica completamente nua.

S A U D A D E I N F Â N C I A

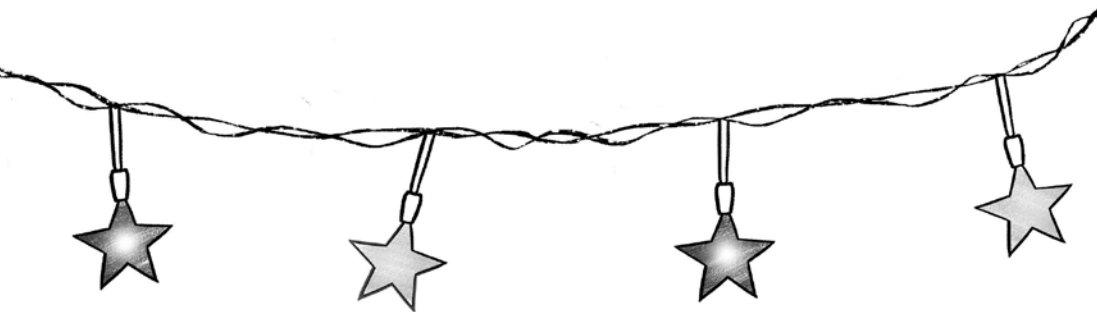
Brinquedo espalhado pela casa.
Voz irritante da mãe
feito a do papagaio Eugênio:
– que bagunça!
Mas é também tarde inteirinha
sem dever da escola.
Beber água da chuva
com a camisa ensopada de alegria.

S A U D A D E E S P E R A N Ç A

É ter desejos de comer maçã verde
É barquinho de papel dentro do aquário
onde o peixe Gabriel morreu.

S A U D A D E E S T R E L A

Quando penso em minha mãe,
a saudade me ilumina de tal maneira
que parece estrela.
Esse tipo de saudade dá a impressão
que pisca e desaparece.



P É T A L A

O U

V A S O ?

S A U D A D E T R A P É Z I O

A que sobe no trapézio sem rede de proteção.
Se parece com o fim de um namoro
com cara de sol.
Essa saudade incomoda,
porque o coração fica pra lá e pra cá.

Nem adianta fazer força para entender:
o que parecia inteiro ficou pedaço grudado no chão.

T U D O N ã o P A S S A
D E U M N U M E R A L

Se tento entender o porquê desse garoto me ignorar,
pareço a trapezista inconsequente,
querendo mergulhar os olhos no chão,
desprezando a rede.

Querer o outro que não te quer
é morar numa casa sem paredes.

S A U D A D E S U B S T A N T I V O
C O N C R E T O

O que se faz concreto não é apenas o beijo,
o desejo de comer maçã verde,
dançar como se a música fosse sentida,
feito quem bebe água aos poucos.

Ele é quatro anos mais velho,
e vai passar um ano nos Estados Unidos.
Não sei se meu coração a céu aberto
resiste à troca de e-mails.



E N T R E O S I M E O N Ã O

Há um tempo que passa sem relógio.
Mesmo que o perigo possa dar rasteiras.

Ser adolescente é montar num cavalo de corrida,
de repente, mudar de casa sem sair do quarto.

B E I J O

Tem cheiro de manga-rosa contaminando o vento.
 Migração de beija-flor:
 primeiro ao redor da boca,
 depois colar os lábios onde há luz, água.

Vontade de inventar uma liberdade
 onde a lua estivesse presente.

P E R D E R N ã o D E V I A S E R
V E R B O P A R A S E C O N J U G A R

Aquele nódulo crescendo no lado esquerdo do
pescoço da amiga Estela.

A voz da mãe repleta de cuidados,
depois da primeira menstruação.

O coração bem aqui na boca,
e o garoto “indiferentão” como sempre.

Às vezes, a vida tem cara de tigre,
mas a gente finge que vê formigas
para se salvar.



D I Á R I O

Sinto que os olhos de meu pai são dois faróis
exageradamente iluminados.

E a marcação de minutos contados
de minha mãe sobre horários,
sirene de ambulância tocando o tempo todo.

Se há perigos tão perto? Não sei.
Mas a quantidade de nãoos que recebo
é quase sempre combinada.

Crescer, às vezes, podia passar despercebido.

C O N S T A T A Ç Ã O

Tenho inveja de Bartolomeu.
Não é ave comum.
Dessas que têm bico, voz de passarinho.
Tem dias que incorpora um músico
e anda no parapeito da janela,
só para mostrar sua superioridade
de penas coloridas.
Se esqueço a gaiola aberta,
não corre para a árvore em frente à casa.
É como se dissesse:
menina, a liberdade está dentro.

E se pendura no poleiro em completo estado
de indiferença.

C R E S C E N D O

Os livros da infância doados,
vez por outra, saudade de algumas histórias.
Uma foi marcante: Rapunzel.
Era intrigante saber que cresceu sem cortar os
cabelos.
Como é possível suportar peso tão grande, me
perguntava?

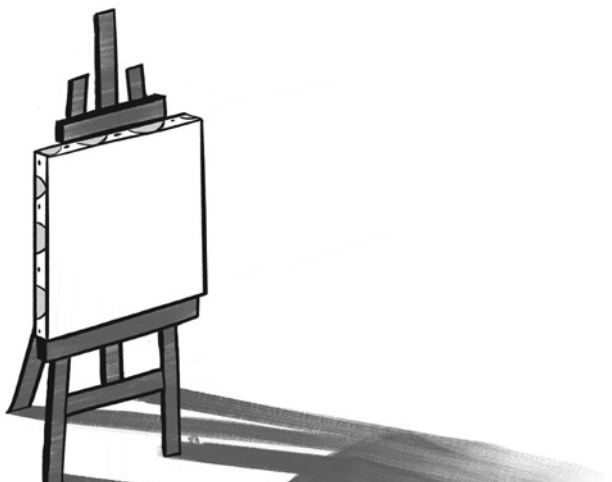
Que mistérios a Rapunzel de hoje me daria,
sem ser a frenética troca de e-mails?

D E U B R A N C O

Tem dias que a gente acorda
com o silêncio das bibliotecas.

Olhar para dentro
é carregar uma tela branca.

Por segundos, ser um peixe fora do aquário.



C E R T E Z A

A manhã acorda querendo ser noite.
O vento é apenas porta batendo.
São tantas suspeitas sem ninguém por perto.

Sinto que carrego uma bandeira sem mastro,
que pende à frente.

S A U D A D E T E M S E M P R E
A L G O A D I Z E R

É chuva saindo dos olhos.

É saber que o jogo não ficou no zero a zero.

F I M D E N A M O R O

Havia um sol sem cara de despedida,
uma festa que mal começou,
o coração ainda com batidas fortes de sino,
e a voz do Cazuza dizendo
que não haveria mais tempo *Pro dia nascer feliz.*

Como o sol teve coragem de ficar assim?
Durante sete meses habitou inteiro
a janela do quarto pintado de azul.

E R A M E S M O U M A R U A ?

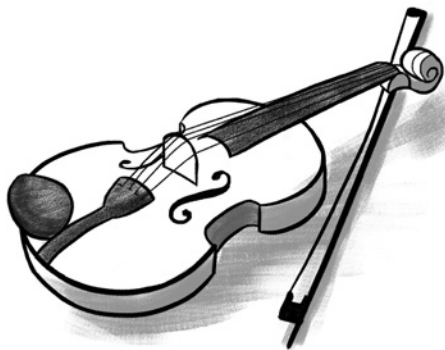
O peso de certas palavras, as mais bonitas,
me levam à Rua da Infância nº 11.
Era uma rua comprida,
onde bicicletas e tombos se tornavam cúmplices.
À noite,
havia um céu baixo,
enquanto morei ali.

Nessa rua tinha a avó Roberta,
os biscoitos de jenipapo desmanchando na boca,
o assoalho limpo com cera amarela
que de repente virava espelho,
o violino do avô Joaquim – quase escondido
que tocava sozinho.

– Seu avô morreu ano passado,
esqueceu minha neta?

Esquecer?

Sei que o peso de certas palavras
ainda guardam o cheiro de Leite de Rosas
que a vó passava no rosto,
e o violino do avô é estrela
na casa alugada de dois quartos.



S E M M E T A D E S O U
Q U A S E M Ú S I C A ?

Quem de nós se perdeu do outro,
e se fez em partes,
o que foi dois?

Quem de nós?
suportou os riscos,
foi coragem que o outro nem olhou.

Quem de nós se fez uma breve contramão,
e o outro é praia no Arpoador?

Mas quem de nós quase acreditou
que sino tocando é amor?

F E I T O C H U V A

Se a chuva que cai aqui dentro não molha,
e a vida parece sem porta,
o amor vem.
– Nunca de uma forma clara.

Se aqui dentro a chuva parece ter porta,
leio poemas em voz alta,
– penso: o amor é arte.

Se a chuva se faz quase intermitente,
é porque sei: o que se faz oceano,
no dia seguinte é lago.

A M A D U R E C I M E N T O

Solidão é uma China

O país mais populoso do mundo

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas
Gungsuu, Junicode e Simonetta.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.